

PREFÁCIO

por Daniela Arbex

Quando Machado de Assis ganhou a alcunha de Bruxo do Cosme Velho, dada por vizinhos bisbilhoteiros que o viram queimando cartas no sobrado onde morava na Zona Sul do Rio, ninguém poderia imaginar que o apelido seria tão apropriado. Dono de um mágico poder com as palavras, o mais importante escritor negro da história tinha capacidade de decifrar as entrelinhas de seu tempo. Embora seu pensamento tenha sido forjado em meio ao caldeirão de ideias do Brasil do século XIX – fortemente influenciadas pelos ideais europeus positivistas e liberalistas –, o escritor que enveredou por quase todos os gêneros literários detinha o que os pesquisadores chamam de “clarividência histórica”. Apresentava a capacidade ímpar de enxergar o futuro das coisas, principalmente daquelas ainda não ditas. Ao escrevê-las em forma de romance, crônica, novela ou poesia, Machado de Assis conquistou a imortalidade por suas obras.

Nascido em 21 de junho de 1839, no Morro do Livramento, o bisneto de escravizados testemunhou a abolição da escravatura, a queda da monarquia e a instituição da Primeira República do Brasil, tornando-se um narrador do cotidiano. Com uma ironia feroz, Machado de Assis produziu a melhor prosa brasileira do século XIX, escrevendo cerca de duzentos contos. Considerado um dos ícones da ironia machadiana, *O alienista* é um desses contos deliciosos. Com humor refinado, é saporosíssimo de ler. Mas o clássico do realismo literário vai muito além da história que se passa dentro da fictícia vila de Itaguaí.

Trata-se de um dos mais perturbadores tratados sobre a insanidade e a forma como indesejáveis sociais eram deliberadamente excluídos do convívio social em nome da razão. Publicado há quase um século e meio, o livro é um retrato fiel dos desafios que envolvem a loucura na civilização.

De atualidade desconcertante, *O alienista* mostra como o maior dos médicos do Brasil, da Espanha e de Portugal, Dr. Simão Bacamarte, passou a estudar as patologias¹ mentais. Filho da nobreza, ele estava disposto a descobrir a origem dos desatinos. O médico dos médicos sentia-se imbuído do propósito de decifrar o enigma dos enigmas, ou seja, a complexa mente humana.

Nascido no século XX, cento e oito anos depois de Machado de Assis, o sociólogo britânico Andrew Scull – que se dedicou ao estudo da história cultural da insanidade durante quatro décadas – é categórico ao dizer que as fronteiras entre sanidade e insanidade, no passado ou no presente, são profundamente afetadas pelo contexto social no qual a desrazão está inserida. Na prática, ele atesta o que o mais importante escritor brasileiro já intuía: o contexto importa e não há como alcançar uma visão neutra para além das parcialidades do presente de cada tempo. De fato, todas as tentativas de encurralar a loucura, contê-la e reduzi-la a uma essência única mostram-se fadadas ao fracasso. Que o diga o Dr. Simão Bacamarte após sua experiência com a Casa Verde!

A instituição, capaz de “agasalhar e tratar” os loucos de Itaguaí, estava localizada na mais bela rua da vila. Tinha cinquenta janelas, um pátio no centro e numerosos cubículos para os hóspedes. A arquitetura era parecida com a do primeiro hospício do Brasil, que, na segunda metade do século XIX, abrigava os alienados da corte brasileira e das demais províncias do Império.

Embora fosse homem da ciência, Bacamarte não ousava contrariar o pensamento religioso – não

porque devoto fosse, mas por convenção e porque achava bonito pensar que os deuses, por consideração aos doidos, roubavam-lhes o juízo para que não pecassem. Fato é que, em todo o mundo, a religião sempre esteve associada à temática da loucura. No mundo antigo, aliás, havia a crença de que os amalucados tinham sido amaldiçoados por Deus.

Em relação à Casa Verde, inaugurada pelo sábio alienista, bastaram poucos meses para que ela estivesse completamente cheia, o que levou à necessidade de expansão de vagas. O inexplicável não era só a quantidade de doidos que brotava ali, mas os motivos que levavam ao recolhimento daquelas pessoas. Todos os comportamentos se tornavam ameaça de institucionalização, inclusive a discordância do diagnóstico. Para lá eram enviados os loucos do amor, gente com mania de grandeza e até os mansos. Esses me fizeram lembrar a história real de Maria de Jesus, uma brasileira de 23 anos que foi despachada para o Hospital Colônia de Barbacena, nas Minas Gerais, em 1911, porque tinha tristeza e calma como sintomas. Machado de Assis já tinha falecido quando isso aconteceu, mas ficaria surpreso com tamanha verossimilhança.

Os lunáticos de Itajaí trouxeram opulência para quem se ocupava deles. Bacamarte, o doutor de Machado, viu as arcas de sua casa se encherem de dinheiro e de ouro. Sua esposa, D. Evarista, deu de comer o ouro com os olhos. Sem beleza e simpatia, a dama, que era contra a Casa Verde, passou a se afeiçoar a ela.

Aos poucos, os cidadãos mais estimados da vila foram recolhidos ao hospício. Foi uma confusão generalizada. Os itaguaienses passaram a exigir revolução. No mundo real, a revolução que combateu a violência e a segregação praticadas nos hospícios brasileiros contra milhares de pessoas só aconteceu bem mais tarde. Foi em 1979 que os trabalhadores de saúde mental passaram a exigir modelos de atendimento mais humanizados, já que hospício não poderia continuar sendo local de moradia. Na verdade, nunca deveria ter sido.

Minas Gerais liderou a insurgência contra o modelo existente, seguido por outros estados brasileiros. O movimento ganhou o nome de Reforma Psiquiátrica, fruto da luta antimanicomial, mas só em 2001 o Brasil teve aprovada a Lei nº 10.216, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais. A norma, que redirecionou o modelo assistencial em saúde mental, exigiu

a extinção de leitos não resolutivos, aqueles de baixa qualidade; afinal, não serviam para tratar, apenas para gerenciar a loucura alheia. Aquilo, sim, foi uma baita revolução. Desinstitucionalização e cuidado em liberdade passaram a ser palavras de ordem, apesar das constantes ameaças de retrocesso. Infelizmente, a busca pelo controle dos corpos e subjetividades consideradas desviantes, principalmente dos corpos negros, ainda é permanente em um país cuja lógica manicomial é baseada no racismo.

Tão bem descrita em *O alienista*, a saúde mental continua em disputa no Brasil do Bruxo do Cosme Velho – apelido que o poeta Carlos Drummond de Andrade carinhosamente ajudou a espalhar – e de todos nós.